



O INÍCIO

'A emoção, como temos mostrado, revela-se uma questão de viagem: uma forma móvel de paixão epistemológica e força histórica'.

Giuliana Bruno

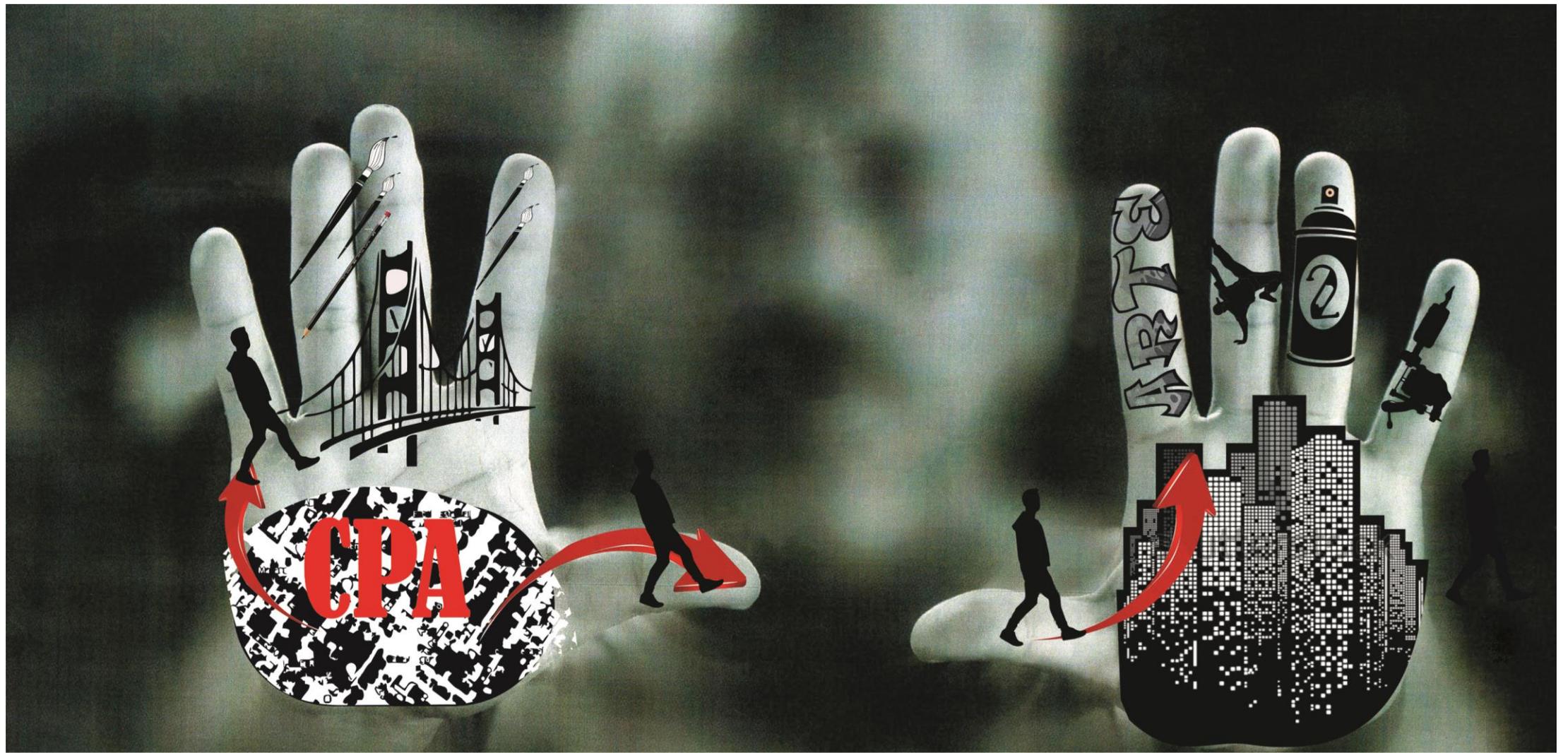
Atlas of Emotion - Journeys in Art, Architecture, and Film.



Edson Ferreira

Edson Charles

o primeiro passo, o ponto de partida



Mapa artístico, Edson Charles

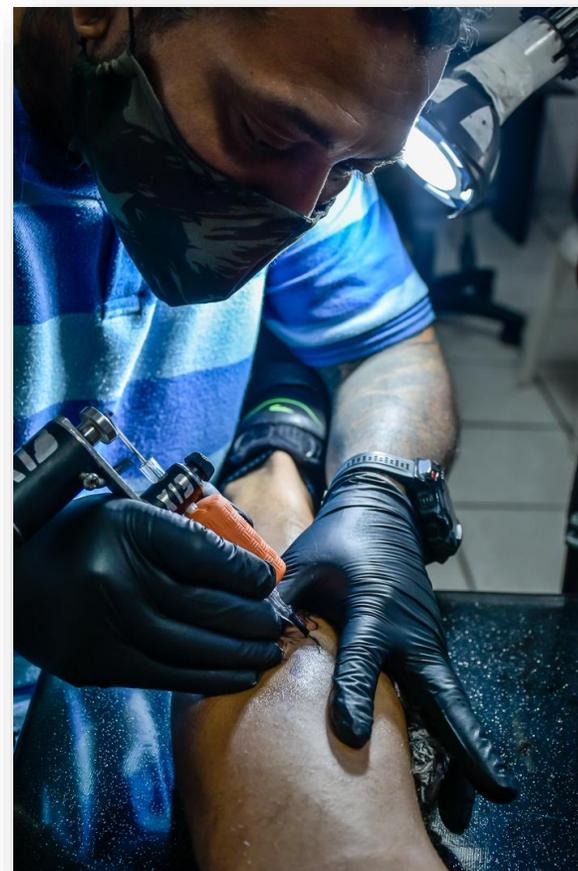
"Edson Charles é meu apelido, que, anos atrás, quando comecei envolver com Hip Hop, não sei da onde que surgiu né, mas meu nome é Edson Ferreira, tenho quarenta e três anos e, assim, hoje eu ... ainda vivo da arte, comecei no grafite, passei por várias etapas da arte, conheci várias modalidades da arte, hoje parei na tatuagem, mas assim, do tempo que eu grafitei até hoje, ainda estou sobrevivendo da arte, mudaram só as superfícies e os materiais. Há vinte anos atrás, quando eu conheci o grafite, era bem escasso, até chegar hoje né, mudou muita coisa, tudo vai mudando né, com a tecnologia. Mas eu não deixo de ser um apreciador do grafite, eu acompanho. Mas hoje, o que me mantém, me sustenta, é a tatuagem".



Edson Charles em pé, usando camiseta preta ao lado de um dos seus grafites no ano 2000.
Fonte: Arquivo pessoal do artista, imagem digitalizada - 2021

'O Edson é a primeira escola do grafite que tem em Cuiabá'

Babu78



"O grafite mexe com o sentimento das pessoas, de uma maneira ou de outra"

"O gratificante pra mim é isso: o grafite salva!"

Edson Charles Estúdio/Ateliê
Fotografia: Célia Soares - 2021

Quando iniciei esta pesquisa eu ouvi: *'Você conhece Edson Charles? Ele é a pessoa que sabe tudo sobre o grafite aqui. Se você quer saber do começo, procure ele'*. E mais do que ouvir sobre um início desprovido de alcances quanto à informação e os materiais para grafitar, descobri um influenciador, desbravador de um caminho por onde muitos outros futuros artistas passariam e conquistariam seu lugar.

A respeito de todos os artistas parceiros neste trabalho pela história do Edson Ferreira, me permite começar essa geografia artística, essa cartografia emocional, com o seu nome e sua experiência traçada por um importante conteúdo presente do início ao momento atual em sua história: a Imagem, seja através do desenho no papel, no muro, em objetos e depois na pele, temos uma trajetória contada pelas mãos que criaram e criam formas visuais, tais formas que são a imaginação em sua atuação, ou melhor, a imagem em ação.

Edson Charles começou sua trajetória na arte visual de rua com o *Hip Hop* e o grafite, mas já não há registros na cidade de sua arte nos muros. Desse modo, os arquivos e registros fotográficos são as Imagens geográficas e, as memórias, histórias e conexões íntimas, são as Imagens emocionais que traçam o mapeamento desse importante artista, não só para a arte visual de rua da cidade de Cuiabá, como para os artistas "pós-Charles".

"Pra falar a verdade, eu me considero um artista de rua, porque, pelo menos eu, o que eu aprendi foi clandestinamente, não foi nada com um professor do lado, um curso, nada disso, tipo assim, você conhece um outro artista, ali tem uma coisa que você quer aprender, e também tem aquela coisa que ele quer aprender com você, a gente vai trocando essa informação ... ia trocando né, porque hoje tá mais fácil, você já vai lá no youtube, tal, mas no meu tempo era assim, você tinha que ter conhecimento com outros artistas pra você poder tá evoluindo com a sua arte".

"Nem todos os artistas que eu me envolvi eram grafiteiros, e que eu aprendi um pouco com cada um deles ... não eram grafiteiros"



Imagem digitalizada 2021.
Fonte: Arquivo pessoal do artista

"Hoje denominam muito né, assim, é até um monopólio antigo que, quem é grafiteiro só faz com spray e tal, usam as técnicas somente que são usadas no grafite de rua né. Então, o que eu faço tem outras vértices da arte, eu faço pirografia, faço pintura em tela também, faço outro tipo de trabalho, faço criação, e isso tudo foi adquirido clandestinamente, na rua, com outros artistas".



Edson Charles em seu estúdio de tatuagem em Cuiabá no ano de 2021.
Fotografia: Célia Soares.

O mapeamento do artista Edson Charles não percorre uma geografia dos locais de sua arte nas ruas da cidade, e sim, percorre uma geografia da Imagem, no trânsito cartográfico que desenha o mapa por meio e através das imagens das obras, trabalhos e criações que são o veículo para o seu mapeamento artístico visual. A sua geografia está dentro de si mesmo, em suas mãos encontramos o movimento de sua narrativa.

Como uma veia que é o suporte por onde o sangue se move pelo corpo humano, neste mapeamento as mãos representam o veículo cartográfico. Neste corpo emocional representativo que são as mãos, as imagens são contadas, mostradas, revisitadas, e cria uma autoimagem própria de um discurso emocional, ou seja, de movimento de vida. Assim, o primeiro grafite marca o ponto mais abaixo na mão, quase no pulso, e vai abrindo espaço e dando ritmo existencial à sua experiência artística, que começa assim ...



Fotografia e manipulação de imagem Célia Soares - 2021

"Aqui em Cuiabá, como antigamente a gente não tinha essa cultura Hip Hop, não tinha grafite, apareceu um cara de Campo Grande chamado Maestro, e ele fazia com compressor e a pistola, ele grafitava capô de carro, fazia comércio, aí eu fiquei sabendo que tinha um grafiteiro de fora na cidade. Aí eu perguntei onde estava os trabalhos dele, onde eu poderia ver ele, só que assim, eu nunca cheguei de conhecer ele, conheci só os trabalhos. O pessoal falava, 'Oh, na Carmindo de Campos tem uma loja de som que ele grafitou'; 'Ah, tem um cara que tem uma garagem de carro, e ele tem vários carros com capô grafitado com o trabalho do Maestro'. Aí eu saía do CPA, ia pra todos os lugares pra ver os trabalhos do cara e tinha aquela sensação assim: é isso aí que eu quero mexer. Eu tendo contato com aquela arte visualmente, aquela coisa me balançou, tipo: ah é isso aí que eu quero, essa é uma arte muito massa, isso que eu tava querendo, se diferenciar desse tempo. Porque no meu tempo, até hoje né, com todo respeito eu falo, mas, a galera só ficava desenhando rosto, foto, rosto, foto, então, eu não queria ficar somente como todo mundo fazia, rosto, foto, né, aí quando eu tive contato com o grafite eu fui somente pro grafite, só que, com o decorrer do tempo a gente aprende que tem que vincular outras artes pra enriquecer dentro do grafite".



Premiado por melhor carro personalizado com grafite em campeonato de design e som automotivo em Cuiabá no ano de 2002. Edson agradece ao artista Maestro que trouxe essa técnica para a capital de Mato Grosso e o levou ao primeiro contato com tinta em pistola de ar, e, conseqüentemente, a essa premiação.

Fonte: Arquivo pessoal do artista.
Imagem Digitalizada: Célia Soares, 2021.

O PRIMEIRO GRAFITE

"O primeiro grafite eu fiz lá no CPA, na Avenida do Setor II, porque, no meu tempo era muito complicado você grafitar, porque se a polícia te pegasse grafitando você ia preso, ou o dono te pagasse grafitando você também tinha problema com o dono da casa. Então, tinha que pedir pra ver se o dono deixava, e o primeiro foi na Avenida do Setor II, um menino que deixou a gente grafitar ele tinha um lanche, aí ele propôs a troca, 'tem um pedaço do muro pra você, mas você faz a propaganda do meu lanche aqui, que eu faço o lanche a noite'. Então esse foi meu primeiro contato com o grafite, no CPA, Setor II e IV, Avenida principal".



Fonte: Arquivo pessoal do artista, imagem digitalizada, Célia Soares 2021.



Fonte: Arquivo pessoal do artista, imagem digitalizada, Célia Soares 2021.

SEM CONEXÕES REGIONAIS - Influência Urbana Nacional

"O primeiro grafite não teve nenhuma relação com a cidade de Cuiabá, porque, assim, a gente já tava buscando informação de fora, e o único lugar que tinha as informações que a gente necessitava pra isso era São Paulo, porque lá foi um dos berços do Hip Hop e onde começou a divulgar de São Paulo pro resto do Brasil, e pro mundo. Sempre teve a base de São Paulo. Depois a gente, é, descobriu Brasília, teve algumas influências dos três S de Brasília, que são o Souto, Supra e Satão, os melhores grafiteiros de Brasília. A gente também tinha muita referência de São Paulo, dos grafiteiros das antigas, o Jerry, os Gêmeos que até hoje são conceituados na arte do grafite, Bonga, Binho, nomes que, são a velha escola, como a gente fala, old school".

O GRAFITE CHEGANDO EM CUIABÁ

"A gente teve esse contato foi com pessoas vinda de São Paulo mesmo, de 1996 pra frente, que teve esse contato de pessoas de lá que vinham pra cá e falavam, 'ah, lá em São Paulo tem o Hip Hop, e tal, tem os quatro elementos'. Eles explicavam pra gente que os quatro elementos eram o DJ, o MC, o Grafite e a Dança, que é o B-Boy. Então essa galera que vinha de fora já com a formação cultural mais forte, eles passavam isso pra gente, então a gente gostou muito da filosofia do Hip Hop, e realmente eu pude constatar que essa arte do Hip Hop, independente da dança, do grafite, ela salva. Os primeiros contatos que eu tive foram muito bons, tipo, a filosofia daquele tempo, que no meu tempo era bem raiz, era você ser um artista e você tá saindo do seu bairro e até do Brasil, pra você mostrar a arte que um jovem de periferia têm, que esse jovem de periferia também tem talento tal qual um outro jovem que paga uma faculdade de arte, a única dificuldade que tem é essa, né, você tá numa faculdade você paga, e o periférico ele não tem isso".



Fonte: Arquivo pessoal, imagens digitalizadas



1997

Edson Ferreira/1997
Imagens Digitalizadas – Célia Soares/2021
Fonte: Arquivo pessoal do artista.



Edson Ferreira/1997
Imagens Digitalizadas – Célia Soares/2021
Fonte: Arquivo pessoal do artista.



1998

Edson Ferreira/1998
Imagens Digitalizadas – Célia Soares/2021
Fonte: Arquivo pessoal do artista.



1999

Edson Ferreira/1999
Imagens Digitalizadas – Célia Soares/2021
Fonte: Arquivo pessoal do artista.





2000

Edson Ferreira/2000
Imagens Digitalizadas – Célia Soares/2021
Fonte: Arquivo pessoal do artista.

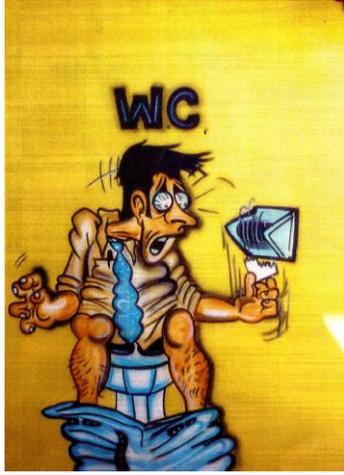
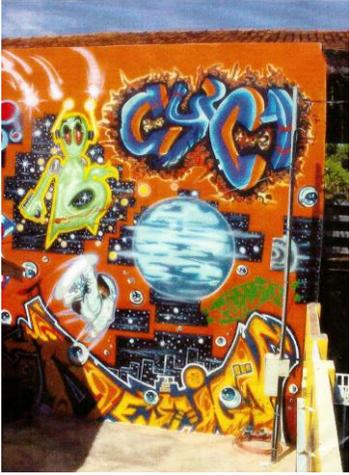




2001

Edson Ferreira/2001
 Imagens Digitalizadas – Célia Soares/2021
 Fonte: Arquivo pessoal do artista.





2002

Edson Ferreira/2002
Imagens Digitalizadas – Célia Soares/2021
Fonte: Arquivo pessoal do artista.



Desenho à mão livre com caneta Bic e lápis de cor, no ano de 2001, 2002, 2003.
Digitalização: Célia Soares, 2021
Fonte: Arquivo pessoal do artista.

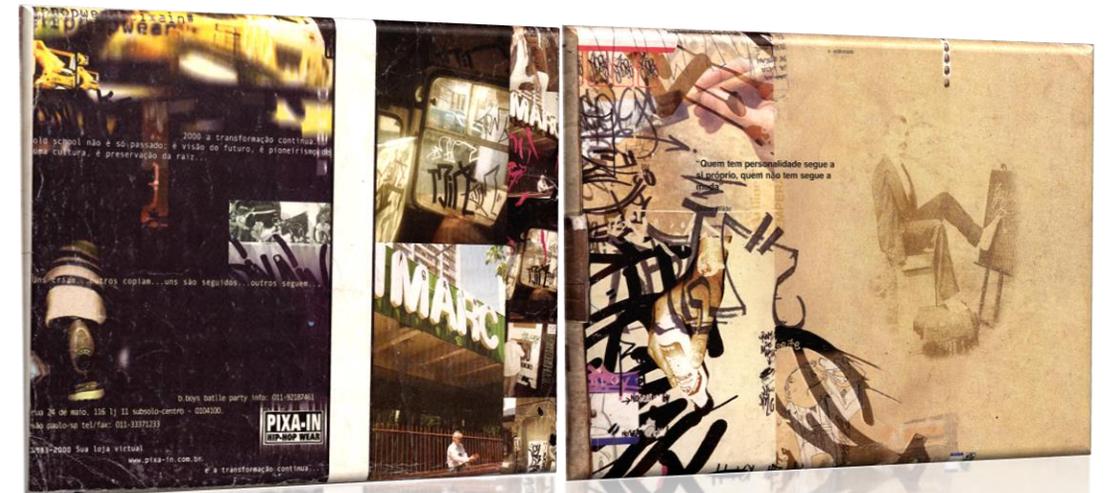
E CHEGANDO POR CARTA

"Mas assim, o primeiro contato que tive foi isso, pessoas de São Paulo vindo, mostrando o trabalho, 'Ah esse aqui é o grafiteiro fulano'. Ai a gente perguntava: como eu faço pra conseguir? 'A gente passa o telefone'. Mas naquele tempo, telefone na casa de muitos era luxo, não era nem necessidade né, então ... a gente fazia essa troca de ideia por carta, mandava uma carta, aí o cara lá em São Paulo tirava umas fotos dos muro, aí trocava ideia, 'Esse aqui é fulano, essa aqui é Avenida tal, essa aqui é a Rebouças, essa aqui é 25 de Março'. Ai mostrava os grafites, 'Esse aqui tá assinatura do cara embaixo'. Então a gente foi enriquecendo nosso arquivo de grafite através disso, até a gente mesmo fazer nosso próprio movimento, começar a grafitar na cidade. Tinha uma galera que já desenhava no meu tempo, tinha o Babu. Babu é um cara que tá na arte aí há muito tempo, que a gente se conhece desde adolescente, então isso aí foi juntando a galera, e como falam né, o tempo foi passando, uns continuaram outros pararam, outros foram pra outra arte e outros ainda permanecem até hoje. A filosofia do grafite em si é uma filosofia muito forte. Eu não sei o que eu seria hoje se não tivesse envolvido com grafite, com arte, lá atrás, não poderia falar pra você o que eu taria fazendo hoje".

Mas as cartas não eram suficientes ... um investimento se faria necessário: revistas de São Paulo! Fazer pedidos de revistas de grafite e arte urbana era uma maneira de ver e saber, de modo mais abrangente, o que estava acontecendo com o grafite na grande capital do Hip Hop e aprender com aquelas imagens nas mãos.



Revista Epidemia Street Art – Graffiti Magazine – Capa e Verso Vol. 01
Digitalização – Célia Soares 2021



Revista Cultura de Rua – Capa/Contra capa, Digitalização – Célia Soares 2021

GRAFITE E ARTES PLÁSTICAS convivências de ontem e de hoje

"Se considera esse respeito hoje, e tem essa diferença também, um pouco né, depende do artista que quer passar aquilo ali pra quem tá vendo, porque antes, no meu tempo, a gente tá falando do meu tempo, já um tempo atrás rrsrrs, não existia isso. Você pegar um material de um outro tipo de arte pra você misturar no seu que você já ... não, você quebrou a regra! Isso aí não existe. Você tá pegando um negócio de grafiteiro pra você pintar na sua tela? E a alma do pincel? E a alma do ...? Você tá quebrando isso, entendeu, você não pode! Hoje eu vejo que isso acabou, esse monopólio acabou, tipo, 'Não, você não pode usar isso porque você não é esse artista, você não tá nessa modalidade de arte, você tem que usar o que tá na sua modalidade'. Então hoje eu vejo que quebrou muito isso, essa aceitação, principalmente aqui em Cuiabá que, antigamente você só via as artes regionais, o pantanal, em qualquer lugar que você fosse, em galerias, até em paredes, qualquer lugar era arte regional, tuiuí, pantanal, ribeirinho ... Então o grafite com muito custo e resistência ele acabou, colocando uma sombrinha ali naquele território e ficou, e nisso ele começou pegar respeito de outros vizinhos, que eram outras artes, conseguiu ter boa comunicação. E hoje você pode ver que tem exposições de um grafiteiro aqui no mesmo salão, em uma exposição só de vários artistas, e você vê que nem todos ali são grafiteiros, tem dois grafiteiros, tem outros dois artistas plásticos que pintam tela, que tão na mesma exposição. Tipo, eles dão o tema, 'Ah, o tema é o cerrado', então aqueles quatro artistas, independente da modalidade, de estilos, eles vão fazer uma coisa em função daquele tema, isso eu vejo, né, esse respeito, essa conquista de espaço entre artista e você também poder usar o equipamento do outro e falar, 'Não, isso aqui eu usei porque eu queria puxar pro lado do grafite', ou 'Ah não, eu usei só o pincel porque eu não queria usar muito o lado do grafite'. Hoje tem essa liberdade, tem esse respeito".

COMO ESTÁ O GRAFITE HOJE?

"Hoje eu vejo que teve grande ascensão do grafite desde o meu tempo, principalmente aqui no Centro. Aqui no Centro você não via coisas grafitadas, e hoje você vê muito. E assim, um bairro que eu vejo que tem muito grafite e até grafiteiro, é o CPA, tem vários outros grafites. Essa ascensão do grafite foi em decorrência de oficinas, começaram a invadir espaço, como eu disse né, antes você não via em galeria, setor privado, não via em órgão público, que é o governo, você não via coisas de grafite. A própria Secretaria de Cultura nesse tempo não tinha muita atenção pro grafite, por isso que eu falo, a ascensão do grafite foi muito grande até pela competência dos poucos artistas que tinham nesse tempo, por terem sobrevivido. E essa galera que tá chegando hoje, que tá vendo essa arte hoje, tá contemplando isso aí, pra mim essa foi a ocupação de espaço bem distribuída. Eu acredito, pelo fato da cidade não ter mais grafites espalhados em outros bairros, é até a demanda de pouco grafiteiro. Por isso, pelo meu ponto de vista, tá até muito bem distribuído, porque a cada bairro que você vai, pelo menos um grafite você vê, uma tag, alguma assinatura do grafiteiro você vê, então assim, acho que tá, equilibrado essa distribuição pelo fato de ter pouco grafiteiro, como não tem nas grandes capitais ... é até um modo de falar, né, rrsrrs, é igual baguncinha, toda esquina tem um baguncinha, então assim, ainda, a gente tem essa carência de artista".



Entrevista no Estúdio/Ateliê
Fonte: Fotografia Célia Soares - 2020

ACEITAÇÃO E SALVAÇÃO PELO GRAFITE - E quem vai salvá-lo?

*"Hoje eu vejo que a aceitação, como a produção também, como a gente tá batendo sempre nessa tecla né, da evolução, então assim, até a evolução ajuda dar um brilho a mais no grafite. Lá atrás não tinha, a gente comprava spray mesmo sem bico, e seja o que Deus quiser. Hoje não, hoje tem o material pronto, então até lá a exibição fica mais bonita, fica mais bem apresentada, e com certeza a aceitação também, então vem tudo junto né, a aceitação, a tecnologia, o meio de comunicação, a mídia, então tudo isso aí acaba sendo um pêndulo pra arte ser bem vista, ser bem aceita. E eu acho muito interessante, muito legal, o artista de rua, sendo tanto o grafiteiro como o denominado não grafiteiro, sendo artista de rua também, ele sobrevive aqui, o grafite dá uma sustentabilidade pra ele viver, sustentar a família, eu acho muito interessante isso aí. **A arte salva, salva muitas pessoas do que era pra ser, às vezes a pessoa tá indo pro lado do crime, às vezes a pessoa não tem perspectiva de fazer nada na vida, aí entra a arte e salva**".*

"Hoje a pessoa vê muito isso, 'Pô, o cara podia ser um bandido, o cara tá lá na periferia, no meio do crime, no meio da droga, se não é a violência gratuita do bairro que pega o cara, é a violência da polícia'. O grafite chega ali e tira aquela pessoa dali ... dá uma distância, você começa a ver com outros olhos. Eu acho muito bacana o grafite dar esse suporte pra pessoa, ela se sustentar através disso, ser reconhecida como artista, as pessoas estarem procurando o trabalho dela pra tá circulando na cidade, também é muito interessante isso aí. Muito que vale, a experiência do grafiteiro passar por tudo isso e, lá no final ele tá lá né, e ver que o reembolso dele ... é Deus, por que ele tá lá".

E O QUE É GRAFITE?

"Hoje assim, eu não posso falar com tanta determinação porque eu não acompanho muito essa galera que tá hoje né, no cenário, ou que tá sucedendo hoje até em comunicação deles, mas no meu tempo, a gente usava o grafite mais pra ter a liberdade de expressão mesmo, e deixar a periferia mais colorida, mais alegre, tirar um pouco o foco daquele clima pesado. Então no meu tempo era usado pra isso, pros grafiteiros num dia de domingo poder se encontrar, como é feito hoje né, não mudou muita coisa pra falar a verdade. Era pegar um muro e passar o que a gente tinha de sentimento pra galera ver, sempre tá passando também uma mensagem de positividade, pra que a pessoa passe por ali na hora de acordar ou indo trabalhar, ou tá andando a toa mesmo na rua e ver aquela coisa positiva né, que a gente tem chance de sobressair de qualquer tipo de violência, qualquer tipo de miséria. Hoje, eu vejo que o grafite tá um bum magnífico, lindo, bonito, eu vejo vários artistas bom, tomando espaço em galeria, fazendo oficina, fazendo oficina em bairro pra crianças carentes. Então assim, eu acho que não mudou muita coisa, pelo o que eu tenho acompanhado, o que mudou mais foi a tecnologia e o público né, que antes a galera de classe média pra cima não tinha essa visão que tem hoje do grafite, né, hoje, quem consome mesmo o grafite hoje, pra comprar uma tela de um grafiteiro que tem o nome estourado, o nome que tá na mídia, não é uma pessoa da periferia que consegue comprar essa tela desse cara. Então o consumo hoje é outro público que consome, que paga pra ter o nome do artista dentro do seu quarto, escritório, até na varanda da casa. Hoje eu vejo isso né, o público vê com outros olhos o que não olhava, não tinha esse olhar antes, era só uma arte dos cara lá que era cabeludo, barbudo, tinha tatuagem, aí escrevia umas palavras que ninguém entende, malemá entende o desenhinho que ele coloca, rsrsrs".

"O que vejo até agora que mudou foi a tecnologia, o modo de se comunicar, o modo de expandir o grafite, que antes era bem restrito, hoje já não tem esse limite"



Entrevista no Estúdio/Ateliê –
Fonte: Fotografia Célia Soares - 2020

GRAFITE COMERCIAL E GRAFITE ARTÍSTICO - CONTEÚDOS DIFERENTES?

*"Eu acho que quem coloca essa diferença hoje assim, são os artistas né, que denominam que tem essa diferença de arte sim, são eles próprios que ... eu não tenho essa certeza de como tá hoje, mas no meu tempo até os momentos de hoje, eu não vejo muito essa diferença não. O que eu vejo é só o comercial do artístico mesmo. O comercial é o que o grafiteiro usa pra ganhar a sua grana né, em comércio, em fachada, em show, até em performance dele que ele vende né, pra ele tá ganhando essa grana né, mas assim, em vista do meu estilo de antes, do começo, até hoje, não mudou não, não teve essa diferença né, 'Ah esse grafite é pra isso, esse grafite não pode'. É só mesmo o comercial que o grafiteiro usa pra se ganhar grana, que já era uma coisa separada mesmo do artístico que ele faz na rua sem compromisso nenhum. Só que a partir desse grafite artístico na rua é que as pessoas acabam procurando ele, isso é um cartão de visita dele e o cartão de trabalho. As pessoas vão vendo aquilo ali e é lógico, vão contratar ele pra algum tipo de trabalho, então essa é a diferença, o comercial e o artístico, que eu vejo ainda, mas eu não vi muita diferença, porque continua fazendo os trabalhos nas escolas de oficinas, os grafiteiros continuam na periferia também fazendo oficina, continuam no centro fazendo as invasões, os bombardeios né, a noite, e tal... então não teve muito esse separatismo, que eu vejo, **o que interfere mais é a mídia** ...*



Estúdio/Ateliê - Fonte: Fotografia Célia Soares - 2020

“ACEITAÇÃO DA ARTE NA MÍDIA”

Edson Ferreira considera a mídia o grande fator contribuinte para a alteração do grafite atualmente. A mídia leva ao consumo até mesmo aqueles que não entendem de arte, contudo, são aqueles melhor providos financeiramente...

"Hoje o que eu vejo que interfere mais é a mídia né, não só a mídia, mas aquelas pessoas assim, que não entendem de arte mas tem aquela grana, então assim, ela pode montar uma galeria de arte e colocar aquele artista, dá um bum pra ele. Então, isso que eu vejo, aceitação da arte na mídia é pela geração de hoje, pelas pessoas que hoje julgam a arte, que tão ali pra falar, 'Ah, o grafite hoje pode ser aceito na galeria tal', 'Ah, mas lá não é só fulano de tal que vai?' Não. Hoje tem esse espaço pro grafite e pro artista que carrega a arte, né, que tá indo em vários lugares, vários ambientes que não seja só do domínio do grafite. Como hoje né, em rádio, cê vê entrevistas de grafiteiro em rádio, em TV, principalmente em TV alternativa, canal fechado também cê vê muito também, porque hoje no canal aberto já se estourou um pouco, já não é mais aquele bum, né, outras vértices alternativas seguram mais esse tipo de arte, mantém mais, vinculam mais a qualquer lugar que você possa tá, você tá vendo o grafite se encaixando".



Desenho à mão livre com caneta Bic e lápis de cor, no ano de 1999.

Fonte: Arquivo pessoal do artista.

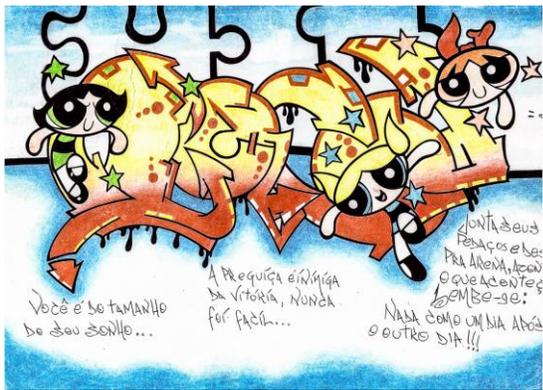
Digitalização: Célia Soares, 2021



Desenho à mão livre com caneta Bic e lápis de cor, no ano de 1997.
Fonte: Arquivo pessoal do artista.
Digitalização: Célia Soares, 2021



DOIS LOCO"
E
"EDSON FERREIRA ORIGIN"
O CAMINHO DO GRAFITE À TATUAGEM



Desenho à mão livre com caneta Bic no ano de 2002.
 Fonte: Arquivo pessoal do artista.
 Imagem digitalizada: Célia Soares, 2021.



Desenho à mão livre com caneta Bic no ano de 2005.
 Fonte: Arquivo pessoal do artista.
 Imagem digitalizada: Célia Soares, 2021



Desenho à mão livre com caneta Bic no ano de 2000.
 Fonte: Arquivo pessoal do artista.
 Imagem digitalizada: Célia Soares, 2021.



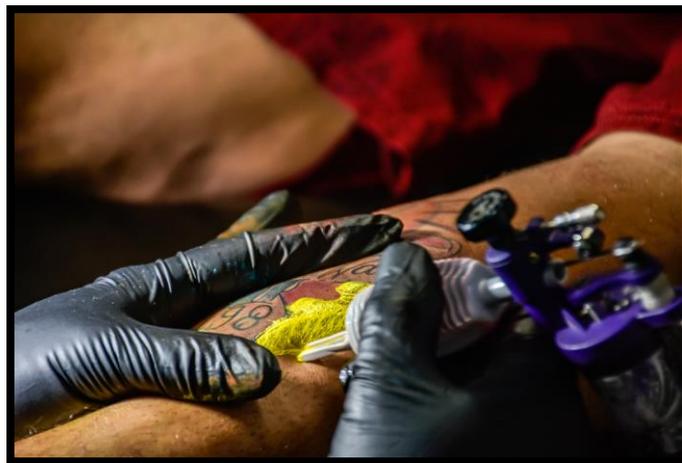
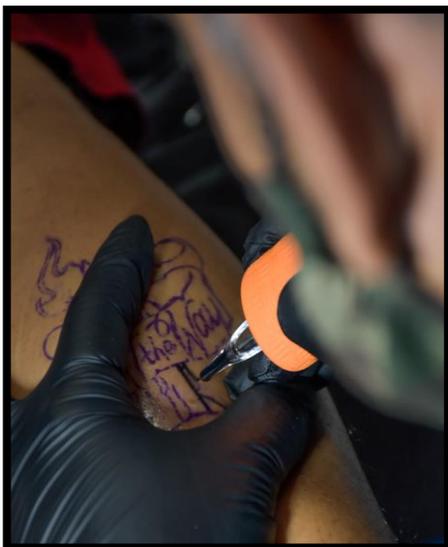
Desenho à mão livre com caneta Bic no ano de 2006.
 Fonte: Arquivo pessoal do artista.
 Imagem digitalizada: Célia Soares, 2021.



Desenho à mão livre com caneta Bic e lápis de cor, no ano de 1999.
 Fonte: Arquivo pessoal do artista.
 Imagem digitalizada: Célia Soares, 2021.



Tattoo



Imagens realizadas no Estúdio do Artista Edson Ferreira.
Fonte Fotografia Célia Soares, 2020



Tatuagem 'Edson Ferreira Origin'
Cuiabá, 2019.
Fonte: Rede social do artista, 2021.



Tatuagem 'Edson Ferreira Origin',
Cuiabá, 2019.
Fonte: Rede social do artista, 2021.



Tatuagem 'Edson Ferreira Origin',
Cuiabá, 2019.
Fonte: Rede social do artista, 2021.

"A marca Dois Loco ela veio com essa onda junto do grafite, no tempo né, como não tinha crew, crew é a galera que fala né, é a turma, como a gente não tinha crew, era só eu e mais outro grafiteiro, coloquei um nome de duplo sentido, coloquei Dois Loco, que era pra ser 2 de número e Dois Loco né. Mas em princípio era só pra grafite, não era pra tatuagem, mas como eu tava usando o nome a muito tempo, eu era muito conhecido por esse nome, aí eu resolvi usar pra tatuagem, mas com o tempo eu também deixei de usar o nome Dois Loco pra tatuagem. Agora, hoje no estúdio é Edson Ferreira Origin, mas eu usei ele um bom tempo, o nome Dois Loco ficou muito tempo, desde o começo quando eu comecei grafitar, no final de 90 [1990] até 2003 eu usei o Dois Loco como grafite, daí pra frente, 2004, foi pra tatuagem".

Edson Ferreira Origin (Edson Ferreira *Origin*) é o nome do estúdio de tatuagem atual do artista que tem na arte visual corporal seu principal meio de vida. O desenho como ferramenta de estudo e caminho para realizar seu trabalho não deixa de honrar o início, suas origens no grafite.



Desenhos autorais participantes no II Maringá Tattoo Festival, convenção na qual o artista recebeu o 1º lugar na categoria Melhor Série de Desenho *New School*, no ano de 2012.
 Fonte: Arquivo pessoal do artista. Imagens digitalizadas 2021



"Esses são alguns desenhos autorais que eu faço pra tatuagem, e isso aí vem tudo através do grafite. Esse tipo de desenho, de arte é o New School que é trazido da cultura do grafite pra dentro da tatuagem. E é uma coisa que é minha área também né, o grafite, por mais que eu parei, ele ainda faz grande parte do meu conteúdo artístico até hoje".

Desenhos autorais participantes no II Maringá Tattoo Festival, convenção na qual o artista recebeu o 1º lugar na categoria Melhor Série de Desenho New School, no ano de 2012.

Fonte: Arquivo pessoal do artista, imagens digitalizadas 2021



Prêmio recebido pelo artista Edson Ferreira na categoria Melhor Série de Desenho *New School*, no II Maringá Tattoo Festival em 2012, sobre alguns esboços que fizeram parte de seus estudos para o evento.
Fonte: Arquivo pessoal do artista.



Cartaz da convenção de 2012.
Fonte: Arquivo pessoal do artista.



Prêmio recebido pelo artista Edson Ferreira na categoria Melhor Série de Desenho *New School*, no II Maringá Tattoo Festival em 2012.
Fonte: Arquivo pessoal do artista.

A PREMIAÇÃO

*"Essa convenção, como todas que acontecem no Brasil, ela reúne artistas do Brasil inteiro e até de fora. Aí, nessas convenções tem as modalidades das competições, as categorias de tatuagem, tamanho, que são separados para serem julgados e premiados. Nessa convenção eu entrei na categoria Melhor Série de Desenho *New School*, nessa premiação o primeiro lugar foi pro meu. Então é assim, é uma convenção que você tá no meio do mundo dos tatuadores né, tem desde os iniciantes, os que têm nome, os que são consagrados, todos participam dessa convenção e muitos estão disputando o prêmio, outros vão só pra concorrer mesmo, alguns vão pra conhecer. Foi muito bom a experiência né, como sempre, cê tá no meio do mundo da tatuagem, que esses eventos são feitos especialmente pra tatuadores artistas, uma experiência muito boa".*

O grafite parece não ter limite para Edson Ferreira, assim como a vocação artística para o desenho em sua descendência familiar.

"Minha família inteira é uma geração de desenhistas. Minha irmã desenha, minha outra irmã desenha, meu pai desenha, minha mãe desenha, meus outros tios desenharam. Então assim, quem acreditou na arte fui eu, o único da família que viu uma possibilidade de ... não de ficar rico com a arte, apenas de viver da arte, trabalhar e ganhar por aquilo"



2º Mutirão Graffiti Cuiabrazza, CPA III, 2020.
Fotografia: Célia Soares.



2º Mutirão Graffiti Cuiabrazza, CPA III, 2020.
Fotografia: Célia Soares.

EDSON CHARLES DE VOLTA ÀS RUAS?

Edson Charles ou Edson Ferreira pode ter saído das ruas, mas não parece que as ruas saíram dele. E não é apenas pelo fato de aceitar convites de velhos amigos e relembrar a magia dos bicos de spray. O artista acredita no grafite como uma forma de vida que se destaca no mundo contemporâneo. Além de utilizar elaborações e estéticas visuais do grafite para criar boa parte dos desenhos de tatuagem para seu trabalho atual, participar de eventos e concursos da área, Edson defende com intensidade a liberdade dessa arte e a liberdade para quem realiza essa arte. Independente de política ou aceitação artística, o grafite permanecerá pela sua verdade, em meio a tantas reinvenções.



"Na minha opinião, o grafite não corre risco, pela proposta que o grafite passa. Enquanto estiver nas mãos de pessoas que têm esse conhecimento do que o grafite faz, do que o grafite gera e o que o grafite proporciona, não vai ter nenhum risco, por mais que tenha a coisa vendável, a televisão ... eu não quero denominar quem pode e quem não pode usar o grafite, mas antes tinha isso, 'o grafite não pode entrar nesse ambiente, já pensou, o advogado chega aí e pega esse grafite, é melhor cê colocar uma paisagem'. Hoje já não tem mais isso, é até assim né, chega uma pessoa desinformada vê um grafite na parede de um amigo, um comércio, ela vai e fala, 'Nossa, você grafitou isso aqui na sua parede?', 'Nossa, você tá por fora cara, cê não conhece grafite? Que mundo você tá? Onde você vive que não ouviu falar do grafite? Não aprecia o grafite?' Então hoje, até as próprias pessoas que não são ligadas a arte, que não são entendedoras de arte, elas defendem o grafite, através disso, pô os cara vem de periferia meu, ele tem todo esse tipo trampo foda, topo esse tipo de trampo bonito, eles conseguem mexer com o seu sentimento, consegue mexer com sua cabeça quando você passa ali. Se ramifica, mas o grafite de base continua".

O FUTURO DO GRAFITE EM CUIABÁ E NO MUNDO ...

“Olha, eu vejo como bastante promissor, assim, no mundo fora de Cuiabá já está explodindo né, não tem mais nada que segure o grafite mundialmente, nacionalmente, acho que o grafite é uma arte que ninguém mais consegue censurar. Como o prefeito de São Paulo, o Dória né, não sei quem foi, que mandou pintar de cinza todos os muros de São Paulo. Como o grafite já era uma coisa enraizada em São Paulo independente da classe social, independente do cara que entende ou não de arte, do cara que tá ali só vendo, do cara que tá ali passando e não tá entendendo, mas assim, o grafite tomou parte da vida dele, então até as próprias pessoas que não entendem, que entendem, não foram só os grafiteiros que foram lá e fizeram a manifestação pra ele voltar atrás e devolver a cor de São Paulo, a própria sociedade cobrou isso. Então eu vejo que hoje o grafite não pode se controlar mais, mesmo que as autoridades, as pessoas que estão no poder queiram fazer isso. E aqui em Cuiabá eu vejo pelo mesmo direcionamento, mesmo caminho, daqui um tempo o grafite vai tomar muito espaço aqui em Cuiabá. Nacionalmente, mundialmente o grafite tá tendo essa ascensão, então eu vejo em Cuiabá também isso, daqui um tempo essa nova geração que tá vindo vai se ligar muito mais com arte porque hoje tá bem mais fácil de você ter um contato com arte do que no meu tempo, cê tem um celular você tá vendo um coisa de grafite, nunca no meu tempo tinha essa acessibilidade, rsrsrs. Ou você ganhava revista de alguém ou alguém trazia de São Paulo ... quando chegava na banca você ia ter esse acesso, hoje não”.

... PRECISA DAS REINVENÇÕES E DO MERCADO

“Antes o grafiteiro de periferia não tinha aquela voz, não tinha aquela .. hoje ele já tem, tem essa comunicação com o Estado, que patrocina, a própria Secretaria de Cultura, um tempo se eu não me engano, eles colocaram um prêmio pros grafiteiros daqui, pra dar a premiação e tal. Então acho que só acrescenta né, e sempre vai ter aquela modificação da old school que é a velha escola, e da new school que é a nova escola, sempre vai ter essas adaptações, tipo, sempre chega alguém novo, com novas visões e acaba tirando um pouco daquele que é tradicional e passando pra outro estilo”.

“O grafite já tá no mercado. *Aqui em Cuiabá ainda o processo tá em fase de laboratório, germinando, só que em outros lugares já tem, já tem as galerias só de grafiteiro, só em base de grafite, pra galera ver, como tem as galerias que só aceitam telas de artistas que pintam com pincel, usam outros materiais, hoje tem essas galerias só pro grafiteiro, pra ter essas performances, pra ter as exposições dos grafiteiros.*

Então, já tá vendável, já tá num nível bem alto, o grafite hoje conseguiu um patamar bem elevado. Antes não tinha uma sala de um advogado com grafite, uma sala de um médico, até de um curador de arte não existia uma foto, uma tela, alguma coisa de grafite, não tinha isso. Não são em todos, mas na maioria dos lugares que você entra tem alguma coisa ligada com o grafite. Essa parte da venda, eu acho que não vai acabar atrapalhando em nada, teria que chegar esse momento, pras pessoas verem que o grafite também é uma forma do grafiteiro, do artista de rua estar ganhando seu dinheiro sem que ele precise fazer uma faculdade de dez, quinze anos e quando ele termina aquela faculdade ele não tem perspectiva de nada. O grafite faz isso, você estuda, clandestinamente é lógico rsrsrsr, não vai deixar de estudar pra enriquecer sua arte, mas, o mercado não atrapalha, não tira o foco porque, quem é de verdade fica né, quem quer seus quinze minutos de fama, aí pára. Vai passar por toda essa mutação mas lá na frente, quem gosta, quem faz, quem sente mesmo o grafite vai ficar. Sempre vai ter aquela galera que entra, 'Ah também sou grafiteiro, eu também quero'. Só que com o tempo a galera vê que não é fácil né, você tá perdendo noite pra desenhar, deixar de ficar com a namoradinha, deixar dos rolê com os amigos, pra tá ali. Então assim, o bonito é aquele quinze minutos, 'Ah sou grafiteiro, olha aí galera, olha aí meus amigos, olha a tela que eu pinte'. Quando vem o lance de responsabilidade mesmo, muitos saem, aí, quem é, é que vai ficar”.

VIVER DO GRAFITE HOJE FAZ PARTE DA CONVIVÊNCIA COM ESSA ARTE

"Hoje tá bem mais aberta a cabeça das pessoas. Hoje você entra numa academia tem grafite, hoje você entra num restaurante, tem grafite. Então assim, a aceitação tá muito mais, o pessoal já começa ver o grafite bonito, já começa a ver o grafiteiro como um cara que dá pra você sentar com ele trocar uma ideia legal, ele não vai ficar falando só de bandidagem, coisa e tal, rrsrrs, né, a galera hoje, como eu digo, que não tem o vínculo com o grafite, porque você só pode gostar do grafite se você entender do grafite, então hoje já não tem mais isso graças a Deus, então a aceitação tá em todo lugar, assim, pra todo mundo, uma forma benéfica, pros dois lados, pra quem vê e pro produto de quem tá sendo consumido. Então eu acho muito interessante essa forma de ver, do grafiteiro ser reconhecido, visto como um artista mesmo, coisa que não via né, porque assim, a primeira coisa que você vê num cara que tá na rua é ... que o cara tá envolvido com tudo que é ilícito né, até as amizades, pô, se o cara tá a noite na rua grafitando ele ... tá preparado pro ... Hoje não, hoje tem pessoas que sabem que o grafiteiro vai tar em tal lugar grafitando, eles vão lá, tiram foto, se o grafiteiro bebe leva cerveja, ou leva refrigerante. Outras pessoas começam a fazer parte dessa arte mesmo não sendo grafiteiro, querem ver como é o processo, trocar ideia com o grafiteiro, 'Ah, o cara mora em tal lugar, o cara vem de ônibus, o cara pega carona, o cara ...'. Então, a galera quer tá participando dessa criação, desse contato com o grafiteiro hoje."

"SOMOS OS FUGITIVOS DA SENZALA, SOMOS OS REBELDES"

"A minha linha no grafite sempre foi mensagem positiva, fazer um bom trabalho, usar personagens que as pessoas conhecem pra chamar atenção e com isso elas lerem as mensagens que a gente passa, pra não desistir no meio do caminho ... porque assim, no ambiente que a gente vive é muito pesado né, é muita violência, é muito descaso do governo, de violência de segunda a segunda a pessoa já tá empapuçado, por isso que, assim, você vê grande número de jovens entrando na bebida, na droga, na violência, morrendo, por falta disso mesmo né, da pessoa não poder se comunicar, não poder se abrir, não poder colocar pra fora o que ela acha de errado. Então, ela acaba aceitando o que o sistema traz né, você tem que ser isso, você tem que crescer, ter emprego, casar com uma mulher, ter quinhentos filhos, viver escravo da sociedade, pagar suas contas, ser avô e ... acabou sua vida [...] Então, de uma maneira ou de outra a gente quer mostrar que o grafite é uma solução pra você não ir pra aquele caminho que todo mundo já tá na estatística de fazer, ou cresce em alguma família, ou entra no crime e morre, ou arruma um trabalho e vive assim né, como o sistema manda ... a gente ... somos os fugitivos da senzala né, pra falar a verdade, somos os rebeldes, mas, a gente teve uma causa né, porque assim, a pior coisa é quando você quer se expressar e ninguém tá aí pra você, entendeu? 'Ah mas, isso aí não vai mudar, ah mas isso aí é assim mesmo, mas você é preto cara, mas você é pobre cara, aquela lá é rica'. Quer dizer, a gente não tinha direito né, de voz, de opinar, de falar, então o grafite, a arte, o Hip Hop em si trouxe isso aí, a manifestação de você poder levar onde você for e onde você quiser levar, isso foi um direto que a gente teve".

"E O QUE ME INCENTIVA A FAZER GRAFITE,

é isso mesmo, essa falta de oportunidade do ser humano. Só os formados podem falar porque ele é formado, é inteligente. Uma pessoa que também tem uma outra visão de tudo aquilo ali, totalmente diferente, que é válida você escutar mas você não pode escutar porque ele não é formado. Então disso que veio o grafite, isso que me dá inspiração, a gente poder tá ali expressando, colocando, e ali ninguém segura, ninguém vai tapar sua boca, por mais que tampe seu grafite depois, mas vai passar uns dias a pessoa vai ver o que você propôs a ela pensar né. Isso pra mim é o meu incentivo, sempre tá passando coisa positiva pras pessoas principalmente pra quem mora em periferia, e, mostrar principalmente que a arte salva, isso é um dos nossos maiores objetivos que as pessoas vejam, porque tem pessoas que perguntam pra mim: 'Edson, você veio de São Paulo, veio do Rio?', eu, "Não, eu sou de Cuiabá", 'Você é de Cuiabá cara?' Tipo assim, desfazendo, pô, tudo isso de informação, tudo isso de conhecimento e você é de Cuiabá? Ué mas, que diferença que tem, um cara da periferia de Cuiabá, que não tem estudo, não pode também tá tendo esse acesso como outros artistas também tem? Então é isso também que a gente luta muito, como o Bené tava falando, a gente sustenta a família através disso".

MAPAS DA EMOÇÃO - TERRITÓRIOS ÍNTIMOS

"O que me dói mais hoje, e não é só em Cuiabá né é no Brasil, é a falta de cultura que a gente tem. Tipo assim, seu filho começa mexer com arte, não tô dizendo todas as pessoas, porque hoje a arte tá mais aberta, mas no meu tempo se você fosse desenhar, fosse ser artista, a primeira coisa que você escutava era, 'Cara vai arrumar um emprego, véio, vai cortar o cabelo, vai andar igual gente, você não vê o filho do fulano, ele trabalha num banco'. E quando a gente ia com esse negócio de arte, nossa era uma ofensa até pra nossa família, 'Ah mais, seu primo trabalha em tal lugar'. Os parentes ou amigos sabiam que a gente tava mexendo com arte falavam, 'Vamo ver né, até que hora que esse loco aí vai né, até que hora que ele vai com essa fantasia de pintor, de artista'. Aí com o passar do tempo a galera foi vendo que foi sério, que a proposta é séria, e assim, o que é legal também hoje, quando você encontra essas pessoas, fala, 'Pó, cara, quem diria, você aquele tempo lá no muro, dia de domingo no sol quente, cê teve que abrir as portas pra essa galera tá aqui hoje você passou lá na frente quando não tinha nada'. Então, sempre tem que ter alguém pra plantar mesmo que ele não colha, mas ele vai ver o que ele plantou, tipo assim, alguém tá colhendo, através daquele pequeno esforço lá atrás. Então isso é o mais interessante pra gente ver também que o que a gente jogou ali tá crescendo, mesmo que a colheita não foi em benefício próprio não, mas é muito gratificante ver o que a gente passou lá atrás, o que a gente aprendeu, a filosofia do grafite tá dando nisso aqui, é muito interessante".

MAPAS DA EMOÇÃO - GRAFITE E SENTIDO DE SER NA HISTÓRIA

*"É que é assim, o grafite de base mesmo é o protesto, a base original do tempo que eu comecei é o protesto, da galera que não tem voz ... então **o grafite acabou morando vizinho dessas outras artes através desse protesto**. Tipo, pô, o grafiteiro lá fez aquele tema do massacre do Carajás no muro, perguntou, 'Quando teremos a resposta?' E as outras artes já não faziam isso, não fazem isso, não tô discriminando que não tenho obrigação de fazer, mas o grafite veio desse protesto. Até que teve aquele bafafá todo em Sinop, que pintaram a Greta, que vieram os governantes, os ... né, mandar apagar ... então, o grafite vem dessa linha de protesto. Então essa aceitação de outras artes deixar o protesto entrar, pra mim é magnífico, é magnífico, porque primeiramente, **o grafite é considerado como protesto e como uma arte marginal que acabou tomando espaço, como falam, acabou roubando a cena**. Então assim, eu acho muito bacana essa visão também dos outros artistas ter essa flexibilidade, de tá junto independente que é outro tipo de arte diferente mas ele tá ali junto com o grafite. Hoje tá esse bum, quer dizer, ele tem esse brilho dele separado porque, ele não tem só aquela coisa né, de um lado, ele tem tudo, o lado do artista ser sustentado com aquilo, o lado da mídia tá em cima, até hoje não deixou de ser aquele lado marginal, aquele lado de rua, e ter conquistado por isso, ele não mudou.*

Ele pode não ser mais visto e considerado como arte de rua e marginal, mas sempre ele vai ter esse cunho ligado, não vai deixar apagar. É muito bonito essa ligação, essa aceitação entre a mídia, outros artistas, a sociedade ... tá todo mundo colocando o grafite, que era uma arte obscura ... assim, antes, pra você ter alguma coisa legal na sua casa, no seu escritório, era uma arte bem contemporânea, bem suave, bem barroca, de um artista que até já faleceu que tem nome, hoje não, hoje é o grafite. Se alguma pessoa vier tirar o grafite em algum lugar, sempre vai ter uma pessoa pra defender, 'Cara, você não conhece grafite, véi, nunca ouviu falar nos Gêmeos? Nunca ouviu falar de fulano? Nunca viu na televisão?' Entendeu? O kobra, o cara vive disso. Hoje tá no ápice, todo mundo quer tá, todo mundo quer ter, todo mundo quer fazer parte, todo mundo fala que quer pelo menos conhecer, 'Não, eu conheço, eu tenho um grafiteiro que eu acompanho o trabalho dele é fulano'. Todo mundo quer tá interagindo sobre essa arte né, coisa que um tempo atrás ninguém fazia quase questão. Eu acho muito bonito, o pólo todo tá participando disso né, não só a arte contemporânea que deixou de encostar, a própria galera que consome essa arte contemporânea que tá deixando o grafite tipo assim, 'Pô, é massa esse tipo de trabalho mas hoje o que eu me identifico é o grafite', esse é o bum da juventude e até de quem não é jovem tá aceitando esse tipo de arte".

MAPEANDO ENCONTROS NAS DIFERENÇAS

"O grafite, pelo fato de não ter base nenhuma, do grafiteiro não ter aquela academia, não ter aquela formação, dele tá fazendo por ele próprio, acho que ... dele ter chegado e estacionado com outras artes, não foi uma coincidência, já era de se esperar, o choque ou aceitação. É, pra mim já tava assim, de uma maneira ou de outra, iam se encontrar, as outras artes com o grafite. Até aqui em Cuiabá tem muitos artistas que tem nome, como Clóvis Irigaray, é super amigão do Babu, super troca ideia, porque o Clóvis Irigaray é outra linha de arte, e o Babu é outra, por isso que tô falando, uma hora iam se encontrar, então, ia depender né, da recepção, ou era um choque ou era aceitação ou era a não aceitação, mas, teria que ter esse contato, teria que ter de uma maneira ou de outra. Como assim, eu não posso ficar comparando uma coisa com outra, mas, é como o racismo, você tem que aceitar seu irmão negro, ele é igual você, a diferença é que ele é negro e você é branco, então, mais ou menos isso, uma coisa que é muito difícil cê colocar pro ser humano né, rrsrrs, pro ser humano aceitar isso, ele é preto mas é seu irmão. Assim fizeram com a arte, ele veste outra roupa mas é seu irmão, ele fala outro sotaque mas é a mesma coisa, é arte. Então, esse encontro pra mim já não era coincidência ... ia ter que acontecer uma hora"

"A QUESTÃO DA ARTE NA ENTRADA DA VIDA DAS PESSOAS ...

*A gente plantou lá atrás uma sementinha que nem sabia que ia florescer, que ia crescer, mas isso é gratificante saber que o que você plantou ali, outras pessoas estão dando continuidade, estão passando pra frente. Independente da visão do artista, independente do que o artista quer conquistar, mas ele tá seguindo aquilo, tá colocando pra frente o que você fez lá atrás. Eu fico muito feliz como pessoa né, sobre minha experiência que eu tive lá atrás e tá vendo isso acontecer, tá vendo essa coisa magnífica do grafite tá em todos os pólos, na classe pobre, média e rica né, eu acho muito lindo, muito bonito a arte tá conquistando isso. E assim, da mesma maneira que começou ela tá se mantendo aquele trilho né: o grafite é isso, veio da cultura Hip Hop, veio lá da galera gueto que não tinha coisas pra fazer, não tinha nada e descobriu a arte pra combater a violência, combater droga, pra sair do mundo que não ... né, não é porque a pessoa tá ali, tá pobre, tá convivendo com aquele mundo, que tem que ser dele, que tem que passar por aquele ciclo. A arte ajuda isso, você desviar desse ciclo, desviar da estatística de adolescentes com vinte e dois anos mortos, com quinze anos assassinado, adolescente que começou a viver agora e parou por causa de bebida, acidente essas coisas, então **pra mim o gratificante é isso, o grafite salva.***

*ESSA É A MENSAGEM, sempre você tá incentivando seu amigo, seu filho, seu primo, a mexer com arte, a trabalhar com arte, porque, muitas pessoas que ainda não entendem que a arte é uma filosofia de vida, um estilo de vida, as pessoas tem que incentivar, porque a arte ajuda muito, é muito cultural, **é muito gostoso colocar as pessoas pra pensar**, pra outras verem o trabalho das outras né. Então isso pra mim é o mais importante, nunca deixar de incentivar a arte, o grafite, qualquer tipo de arte, tem que tá sempre sendo incentivado pelo governo, pelo setor privado, até pelas pessoas, assim, que não tem esse poder mas sempre tá incentivando pra ocupar os veículos de comunicação, a mídia, pra tá mostrando esse lado também do grafite, que ele salva, não só o lado glamuroso né, de tá em todos os lugares, tem que mostrar ele em geral, essa é minha visão".*

Edson Charles Ferreira, tomando a liberdade de unir seus dois nomes conhecidos no ambiente artístico e fora dele (uma carinhosa e inspirada ousadia) constrói um paralelo movimento das artes, notadamente absorventes da arte de rua, em sua própria residência. Tal cartografia artística caracteriza um modelo de mapeamento que produz um trajeto para se caminhar em território íntimo - por isso tem as mãos como embarcação - pelo motivo de sediar neste local de trabalho e de vida particular, eventos de grafite e congregação de artistas, admiradores e divulgadores da cultura que emerge da arte negra diaspórica.

Entre os artistas que fizeram e fazem parte desses eventos e marcaram com seus talentos o habitat-trajeto do tatuador e grafiteiro Edson Charles Ferreira, estão, Amarelo, Siq, Babu78, Presto23, entre outros. São nomes que estão na história de aprendizado que Edson proporcionou a esses jovens e experientes artistas. E, como abertura deste Atlas, em seu mapeamento não nos furtaremos em apresentar alguns trabalhos destes nomes, pois fazem parte da identidade visual do local onde o pioneiro do grafite em Cuiabá reside e continua incentivando o grafite.



Entrevista no Estúdio/Ateliê
Fonte: Fotografia – Célia Soares, 2020.

Dia 27 de Dezembro
A partir das 10h

- * Flash tattoo
- * Flash piercing
- * Graffiti
- * Bar
- * Comida
- * Penteados afros
- * Artesanato
- * Tenda esoterica
- * Tabacaria
- * DJs

Local: Rua Candido Mariano 728 centro
Studio Edson Tattoo

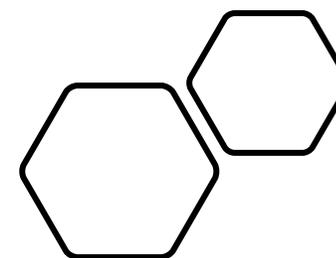
Cartaz de Divulgação do último Evento Beneficente promovido por
Edson Ferreira - 2020
Fonte: Arquivo pessoal do artista.



Intervenção Artística Street Art Solidária/2020
Local: Estúdio/Ateliê Edson Ferreira
Fonte: Fotografia Célia Soares, 2020



Entrevista no Estúdio/Ateliê
Fonte: Fotografia – Célia Soares, 2020.





Graffiti realizados pelos artistas, Siq (Jean Siqueira), Amarelo, Presto23, Babu78. Estúdio/Ateliê Edson Ferreira, durante os Eventos Street Art Solidário
Fonte: Imagens Célia Soares - 2020



Graffiti realizados pelos artistas, Siq (Jean Siqueira), Amarelo, Presto23, Babu78.
Estúdio/Ateliê Edson Ferreira, durante os Eventos Street Art Solidário
Fonte: Imagens Célia Soares - 2020